

# Elizabeth Bishop – O mapa

Terra entre águas, sombreada de verde.  
Sombras, talvez rasos, lhe traçam o contorno,  
uma linha de recifes, algas como adorno,  
riscando o azul singelo com seu verde.  
Ou a terra avança sobre o mar e o levanta  
e abarca, sem bulir suas águas lentas?  
Ao longo das praias pardacentas  
será que a terra puxa o mar e o levanta?

A sombra da Terra Nova jaz imóvel.  
O Labrador é amarelo, onde o esquimó sonhador  
o untou de óleo. Afagamos essas belas baías,  
em vitrines, como se fossem florir, ou como se  
para servir de aquário a peixes invisíveis.  
Os nomes dos portos se espraíam pelo mar,  
os nomes das cidades sobem as serras vizinhas  
– aqui o impressor experimentou um sentimento semelhante  
ao da emoção ultrapassando demais a sua causa.  
As penínsulas pegam a água entre polegar e indicador  
como mulheres apalpando pano antes de comprar.

As águas mapeadas são mais tranquilas que a terra,  
e lhe emprestam sua forma ondulada:  
a lebre da Noruega corre para o sul, afobada,  
perfis investigam o mar, onde há terra.  
É compulsório, ou os países escolhem as suas cores?  
– As mais condizentes com a nação ou as águas nacionais.  
Topografia é imparcial; norte e oeste são iguais.  
Mais sutis que as do historiador são do cartógrafo as cores.

**Elizabeth Bishop, Poemas Escolhidos**